

Vidas rebeldes, belos experimentos

F [!] * S F * R *

SAIDIYA HARTMAN

Vidas rebeldes, belos experimentos

Histórias íntimas de meninas negras
desordeiras, mulheres encrenqueiras
e queers radicais

Tradução
FLORESTA

Este é um trecho antecipado de Vidas rebeldes, belos experimentos, da escritora americana Saidiya Hartman.



SAIDIYA HARTMAN vive em Nova York, onde leciona na Universidade Columbia. Além de *Vidas rebeldes, belos experimentos*, vencedor do National Book Critics Circle Awards, é autora de diversos livros, entre eles *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão* (Bazar do Tempo) e *Scenes Of Subjection*. Entre outras distinções acadêmicas que recebeu, ela foi MacArthur “Genius” Fellow, Guggenheim Fellow, Cullman Fellow, e ganhou uma bolsa Fulbright.

Uma nota sobre o método

Na virada do século 20, jovens negras se encontravam em franca rebelião. Elas lutavam para criar vidas autônomas e belas, para escapar das novas formas de servidão que estavam à espreita e para viver como se fossem livres. Este livro recria a imaginação radical e as práticas rebeldes dessas jovens ao descrever o mundo através dos olhos delas. É uma narrativa escrita de lugar nenhum, do não lugar do gueto e do não lugar da utopia.

Quem se dedica a historicizar a multidão, as pessoas despossuídas, subalternas e escravizadas, se vê tendo de enfrentar o poder e a autoridade dos arquivos e os limites que eles estabelecem com relação àquilo que pode ser conhecido, à perspectiva de quem importa e a quem possui a gravidade e a autoridade de agente histórico. Ao escrever este relato da insurgência, lancei mão de uma vasta gama de materiais arquivísticos para representar a experiência cotidiana e o caráter agitado da vida na cidade. Recrio as vozes e uso as palavras dessas jovens quando possível e habito as dimensões íntimas de suas vidas. A ideia é transmitir a experiência sensorial da cidade e capturar a rica paisagem da vida social negra. Com esse fim, empreguei um modo de narrativa íntima, um estilo que coloca a voz que narra e a personagem em uma relação inseparável, de forma que a visão, a linguagem e os ritmos da insurgência modelam e arranjam o texto. As frases e versos em *itálico* são interferências do

coro. Esta história é contada a partir do interior do círculo.

Todas as personagens e os eventos apresentados neste livro são reais; nada foi inventado. O que eu sei da vida dessas jovens foi apurado em registros de cobradores de aluguel; pesquisas e monografias de sociólogos; transcrições de julgamentos; fotografias do gueto; relatórios da delegacia de costumes, assistentes sociais e oficiais de condicional; entrevistas com profissionais da psiquiatria e da psicologia; e autos de prisão — e em todos esses documentos elas são representadas como um problema. (Alguns nomes foram alterados para proteger a confidencialidade e conforme exigência pelo uso de arquivos do Estado.) Criei uma contranarrativa livre dos julgamentos e das classificações que submeteram jovens negras a vigilância, punição e confinamento, e que oferece um relato sobre os belos experimentos — de fazer do viver uma arte — realizados por aquelas muitas vezes descritas como promíscuas, inconse-

quentes, selvagens e rebeldes. Trata-se de uma tentativa de recuperar o terreno insurgente dessas vidas; de exumar a franca rebelião de dentro dos autos, de desassociar a rebeldia, a recusa, a ajuda mútua e o amor livre de sua identificação como desvio, criminalidade e patologia; é afirmar a maternidade livre (escolha reprodutiva), a intimidade fora da instituição matrimonial e as paixões queer e fora da lei; e iluminar a imaginação radical e a anarquia cotidiana de meninas de cor* comuns, algo que não foi apenas esquecido, mas que é quase inimaginável.

Vidas rebeldes elabora, amplia, transpõe e escancara documentos de arquivo para que forneçam um retrato mais rico da reviravolta so-

* A autora emprega o termo *colored*, utilizado por pessoas negras nos Estados Unidos desde o século 19 e que foi repensado e debatido por pensadores e militantes ao longo dos anos. No Brasil, do século 19 até o início da retomada do termo “negro” na década de 1930, a expressão “pessoas de cor” também foi utilizada por alguns grupos como forma de minar outros termos entendidos como depreciativos. (N.T.)

cial que transformou a vida social negra no século 20. O objetivo é entender e experimentar o mundo como essas jovens fizeram, aprender com aquilo que elas sabiam. Prefiro pensar este livro como o escrito fugitivo da rebeldia, marcado pela errância que a obra descreve. Nesse espírito, tensionei os limites dos autos e dos documentos, especulei sobre o que poderia ter sido, imaginei coisas sussurradas em quartos escuros e ampliei momentos de confinamento, fuga e possibilidade, momentos em que a visão e os sonhos da rebeldia pareciam possíveis.

Poucas pessoas, na época ou agora, reconhecem jovens negras como modernistas sexuais, amantes livres, radicais e anarquistas, ou percebem que a melindrosa é uma pálida imitação da menina do gueto. Elas não têm sido creditadas com nada: permanecem como mulheres excedentes sem nenhum significado, meninas consideradas impróprias para a história e destinadas a ser figuras menores. Este livro é alimentado por um conjunto de valores

diferente e reconhece os ideais revolucionários que animam vidas comuns. Ele explora os desejos utópicos e a promessa de um mundo futuro que residia no rebelar-se e na recusa da governança.

O álbum aqui montado é um arquivo do exorbitante, um livro dos sonhos pela existência diversa. Na abordagem dessas vidas, uma história do século 20 muito inesperada emerge, uma história que oferece certa crônica íntima do radicalismo negro, uma história estética e desordeira de meninas de cor e seus experimentos libertários — uma revolução anterior a *Gatsby*. Em grande parte, a história e a potencialidade do universo delas permaneceram impensadas porque ninguém podia conceber jovens negras como socialmente visionárias e como figuras inovadoras no mundo em que esses atos tiveram lugar. As décadas entre 1890 e 1935 foram decisivas na determinação do curso dos futuros negros. Uma revolução em tom menor se desdobrou na cidade, e jovens

negras foram seu veículo. Essa reviravolta, ou transformação da vida íntima negra, foi consequência da exclusão econômica, da privação material, do enclausuramento racial e da desapropriação social; contudo, também foi alimentada pela visão de um mundo futuro e daquilo que poderia ser.

A ideia disparatada que anima este livro é a de que jovens negras foram pensadoras radicais que imaginaram incansavelmente outras maneiras de viver e nunca deixaram de considerar como o mundo poderia ser de outra forma.



A terrível beleza do gueto

Você pode encontrá-la em meio a um grupo de belos bandidos e meninas *ligeiras* reunidos na esquina cantarolando o último *rag*,* ou demonstrando-se diante da Wanamaker's olhando com cobiça para um par de sapatos finos dispostos como joias atrás da vitrine. Observá-la na vie-

* Gênero musical estadunidense que ganhou popularidade no fim do século 19 e início do 20. Reconhecidamente negro, o *rag* ou *ragtime* foi um estilo predecessor do jazz. (N.T.)

la com um jarro de cerveja que vem e vai entre ela e seus amigos, atrevida e adorável em um vestido barato e fitas de seda; olhá-la com admiração enquanto ela se pendura com metade do corpo para fora da janela de um cortiço, absorvendo o drama do quarteirão e desafiando a força da gravidade. Pise em qualquer um dos caminhos que cruzam a cidade em expansão e você poderá encontrá-la perambulando. Forasteiros chamam de gueto as ruas e vielas que constituem seu mundo. Para ela, é apenas o lugar onde vive. Você nunca pinta na quadra dela a menos que more lá também, ou que tenha se perdido, ou que tenha saído em uma noitada à procura dos prazeres oferecidos por gente de outra laia. Os voyeurs, em suas expedições aos bairros pobres, se alimentam da força vital do gueto, desejam e abominam essa força. Os cientistas sociais e reformadores não são nem um pouco melhores, com suas câmeras e suas pesquisas, ao encarar atentamente todas as estranhas espécimes.

Seu distrito é um labirinto de vielas fedorentas e becos escuros. É uma cidade africana, o quarteirão negro, a zona nativa. Os italianos e judeus, engolfados pela proximidade, desaparecem. É um mundo escondido atrás da fachada da metrópole ordenada. Os prédios ainda não arruinados e as casas decentes de frente para a rua ocultam o cortiço da viela onde ela mora. Ao adentrar a estreita passagem do beco, cruzamos o limiar de um mundo barulhento e desordenado, um lugar definido pelo tumulto, pelo coletivismo vulgar e pela anarquia. É uma pocilga humana povoada pelos piores elementos. É um reino do excesso e de maravilhas. É um ambiente miserável. É a plantation estendida para a cidade. É um laboratório social. O gueto é um espaço do encontro. Os filhos e filhas dos ricos vêm em busca de significado, vitalidade e prazer. Os reformadores e sociólogos vêm em busca dos verdadeiramente desfavorecidos, falhando em vê-la e a seus amigos como pensadores ou planejadores, ou em notar

os belos experimentos criados por meninas negras pobres.

O distrito, a quebrada, o gueto — é um ambiente urbano comum onde os pobres se reúnem, improvisam formas de vida, experimentam a liberdade e recusam a existência subalterna predefinida para eles. É uma zona de extrema privação e de um desperdício alarmante. Nas fileiras de cortiços, as pessoas decentes vivem em paz com as devassas e imorais. O quarteirão negro é um lugar despojado de beleza e extravagante na forma como a apresenta. Adentrar e seguir em frente é o que estabelece os ritmos do cotidiano. Cada onda de recém-chegados muda o lugar — a aparência, os sons e os cheiros do gueto. Ninguém se estabelece aqui, apenas vai ficando, espera por algo melhor e segue adiante; pelo menos, essa é a esperança. Ainda não é um *gueto preto*, mas em breve restarão apenas as pessoas negras.

No gueto, tudo está em falta, exceto a sensação. A experiência é *abundante*. A terrível beleza



está além do que qualquer um poderia esperar assimilar, ordenar e explicar. Os reformadores tiram suas fotos dos prédios, quitinetes, varais e puxadinhos. Ela passa despercebida enquanto os observa da janela do terceiro andar de seu prédio na viela onde vive, rindo de sua estupidez. Eles tiram uma foto da Lombard Street quando *não tem quase ninguém lá*. Ela se pergunta o que tanto os fascina naqueles varais e puxadinhos. Sempre fotografam as mesmas coisas. Será que as roupas de baixo dos ricos são assim tão melhores? Será que o algodão é tão diferente da seda e não se apresenta tão bem como uma faixa hasteada pelas ruas?

Os forasteiros e os entusiastas falham em capturá-la, em compreendê-la. Tudo o que veem é uma típica viela de negros, cegos diante da troca de olhares e das manifestações de desejo que perturbam a legenda de suas fotografias e insinuam a possibilidade de uma vida maior que a pobreza, o tumulto e o levante que não podem ser capturados pela câmera. Falham em discernir

a beleza e veem apenas a desordem, sem captar todas as maneiras pelas quais as pessoas negras criam vida e transformam a mera necessidade em um terreno de elaboração. Uma mulher seminua, com um casaco por cima de uma camisola delicada, está recostada na soleira da porta, oculta pelas sombras do saguão de entrada, enquanto fofoca com sua namorada de pé no limiar. A vida íntima se desdobra nas ruas.

Wayward Lives, Beautiful Experiments
Copyright © 2019 by Saidiya Hartman
All rights reserved

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio sem a permissão expressa e por escrito da Editora Fósforo.

EDITORAS Rita Mattar e Eloah Pina
ASSISTENTE EDITORIAL Cristiane Alves Avelar
REVISÃO Eduardo Russo
DIREÇÃO DE ARTE Julia Monteiro
CAPA Giulia Fagundes
IMAGEM DA CAPA Library of Congress Prints and Photographs Division Washington, D.C.
IMAGENS INTERNAS Fotografias de Helen C. Jenks. Special Collections Research Center, Temple University Libraries. Filadélfia, EUA
PROJETO GRÁFICO DO MIOLO Alles Blau
EDITORAÇÃO ELETRÔNICA Página Viva
IMPRESSÃO Maistype



Editora Fósforo
Rua 24 de Maio, 270/276
10º andar, salas 1 e 2 — República
01041-001 — São Paulo, SP, Brasil
Tel: (11) 3224.2055
contato@fosforoeditora.com.br
www.fosforoeditora.com.br